

O IMAGINÁRIO DE JOSÉ LOUREIRO FERNANDES EXPRESSO EM SEUS REGISTROS DE MEMÓRIA

Maria Regina Furtado*

A memória é operação ideológica, processo psíquico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, das imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para intercâmbio social. Nesta perspectiva, o estudo da memória ganharia muito se fosse conduzido no domínio das representações sociais (MENESES, 1999).

A MEMÓRIA DOCUMENTAL E OS REFLEXOS DO IMAGINÁRIO

Encontrei na participação desta mesa, a oportunidade ideal para socializar o imaginário de José Loureiro Fernandes manifestado tanto nos documentos oficiais, por ele assinados, como na vasta documentação epistolar trocada com os familiares e com os amigos.

Durante o período que analisei a documentação e escrevi sobre a sua diversificada atuação na política cultural local, (1996/2003), a análise sistemática, dos registros de memória escrita e visual disponibilizada em diferentes arquivos¹ referentes às ciências humanas, me permitiu observar a transformação da visão de mundo, deste intelectual católico.

A importância do papel social do trabalho da imaginação, baseado nos intensos conflitos e negociações simbólicas, tem sido objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento por especialistas

* Professora do Departamento de Antropologia da UFPR.

¹ Trata-se da pesquisa *O Paranaense dos Museus: José Loureiro Fernandes (1930/1977)*, a ser publicada.

pós-modernos (ANDERSON, 1993; GLOUBERMAN, 1999; APPADURAI, 1997), ampliando a noção de representação social proposta por Durkheim.

Os livros, as narrativas, os sonhos, as lendas, a mitologia e as imagens são, ainda hoje, um forte potencial para o desvanecimento do dia a dia como para a transformação das subjetividades que estão sendo organizadas. Neste sentido, o exercício do poder político e ideológico, praticado no passado e, tão centralizado na atuação de grandes e influentes líderes carismáticos, vem perdendo força com as negociações e mediações propostas por diferentes segmentos sociais.

Qualquer um de nós, enquanto viajantes no tempo, pode através do imaginário ou da ficção científica, recuperar o passado em diversões, fantasias ou temáticas nostálgicas além de ousar construir um futuro desejável. Seja na literatura e na arte ou seja, através dos atuais recursos da comunicação visual, que tanto nos fascina, (a televisão, o cinema, a dinâmica auto-pista virtual através dos equipamentos informatizados e de fibra óptica) constituindo-se em canais de transmissão que auxiliam, agilizam e dinamizam as comunicações, além de imprimir e exigir uma velocidade maior às ações, enriquecendo assim o fluxo e o refluxo das idéias e dos ideais sociais.

Portanto, quando a imaginação caracteriza-se por ser uma propriedade coletiva, através de hábitos e ações culturais cotidianas, impregnadas pelas transversalidades políticas e ideológicas, ela representa uma forte alavanca para mudanças sociais criando um novo modo de lealdade à postura cidadã e étnica (APPADURAI, 1997:17-38).

Historicamente, em nosso país, a construção do nacionalismo foi um trabalho fundamental da *intelligentsia*, segmento social que representava a vanguarda do pensamento local. Possuidores de representatividade no universo social e com formação superior, em geral no exterior, este restrito grupo de pensadores, defendendo as idéias e as correntes modernas que, politicamente, atendiam aos interesses das oligarquias, criaram as pontes que as aproximavam das massas populares.

Quando Meneses (1999, p. 24-27) ressalta que, há *necessidade de estreitar a solidariedade do trabalho documental* [em todas as suas instâncias] e *da produção do conhecimento histórico...* [até por que], *a produção do conhecimento histórico deve ser indissociável do conhecimento [histórico] da produção do documento, no seu sentido mais amplo*, a relevância da correspondência legada por Loureiro Fernandes se destaca, no campo da memória social como também, na condução de uma política cultural estruturada no trabalho da imaginação.

Recorrendo a Appadurai (1997:20), o trabalho da imaginação

entendido no contexto local e no mais amplo, não é nem puramente emancipatório nem inteiramente disciplinador mas sim, um espaço de disputas e negociações simbólicas no qual os indivíduos e os grupos buscam anexar o global às suas próprias práticas modernas.

Da mesma maneira, os graus de inserção no passado, variam com a intensidade dos desejos e os motivos que os viajantes do tempo, elegem para revisitá-lo. A necessidade, a justificativa e a credibilidade da repetição cíclica destas visitas estão ancoradas no significado símbolo da autenticidade e da reinterpretação cultural do grupo social.

Durante o período da sistematização dos dados para a pesquisa (1986/2000), eu já havia compartilhado algumas imagens e idéias do pensamento e da prática de Loureiro Fernandes, com alguns professores mais próximos e amigos que tiveram a paciência e a curiosidade em ouvir-me.

No entanto, uma situação era comungar com o meu entusiasmo ao encontrar um determinado ofício ou carta, em meio a inúmeros recortes de jornais e anotações, que complementavam as informações existentes em outro documento, já analisado, contribuindo para fechar um dos inúmeros vazios do quebra - cabeças. Outra coisa, era descobrir que o fato de Loureiro Fernandes ser prolixo e detalhista na redação e forma de expressar o seu pensamento, sobre qualquer situação profissional ou mesmo pessoal (em muitos documentos, os dois universos se mesclam), me permitia visitar o seu imaginário.

Relacionar e articular os valores abstratos, a conduta ética, as idéias, a postura e as propostas científicas aos códigos simbólicos - as palavras escritas em linhas datilografadas ou manuscritas - expressando o pensamento, constituem etapas do sistema construtivo do imaginário subjetivo. Quando, esta subjetividade tem representatividade e força no discurso oficial e é corroborada, como no caso de Loureiro, pela execução e concretização de algumas das tantas propostas, não há dúvidas que se trata de uma prática de liderança na política acadêmica e cultural local, respaldada na visão e projeção de um futuro idealizado.

Ou seja, ao contextualizar este legado documental representativo do período compreendido entre 1929 e 1977, se está situando o processo de construção e expansão do imaginário de Loureiro Fernandes, enquanto intelectual católico - como professor catedrático fundador da antiga Faculdade de Filosofia e membro da *intelligentsia* nacional, especialmente no que diz respeito às questões vinculadas a etnologia indígena, ao folclore, a arqueologia e a museologia; como

secretário de Estado da Educação e Cultura; como vereador eleito pelo Partido Social Democrata (PSD), como médico e professor da Cadeira Clínica Urológica, como provedor da Santa Casa de Misericórdia e Secretário de Estado da Saúde. Também é possível observar, o processo da construção e das práticas científicas, forjadas pelas iniciativas e deliberações políticas e ideológicas do poder central, por ele adotadas, que se refletiam nas áreas periféricas do eixo Rio/São Paulo, direcionando as tendências do imaginário coletivo, especialmente aquele voltado para a construção da identidade nacional.

Por outro lado, aceitando que o passado é uma parte, um produto do presente e que, continuamente se pode dar nova forma à memória, reescrevendo a história e alterando o valor das relíquias, a identidade percebida em cada episódio ou objeto, torna-se resultado de atos e expectativas passados que foram escritos em uma trajetória forjada por acordos, ajustes e pactos muitos deles, estruturados e permanentes em sua essência mas que se flexibilizam, diante das novas releituras e reinterpretações que estimulam situações e desejos pessoais ou coletivos.

Considerando ainda, que o registro silencioso da palavra escrita, tem um valor diferencial na memória social, especialmente a coletiva, excluindo o que se deseja por interesse ou desconhecimento, o discurso ou a narrativa histórica possui um forte comprometimento com a visão e a interpretação do seu autor e, se por um lado, esta peculiaridade compromete a autenticidade dos fatos, por outro, ela revela traços do perfil profissional e mesmo pessoal do autor e ator social.

Em muitos dos ofícios ou cartas reservadas ou mesmo confidenciais, a crítica velada, o tom ácido ou mesmo o uso das expressões pitorescas do cotidiano da época, realçam o domínio e o controle que Loureiro Fernandes teve sobre as idéias e os ideais ao fazer uso das palavras escritas. Terá tido o mesmo dom na sua retórica? Creio que sim.

Com o olhar voltado para esta direção é que os escritos e os pensamentos de Loureiro, neles expressados, foram revisitados para essa Mesa Redonda. Mesmo reconhecendo que “o passado que reconstruímos é mais coerente do que realmente foi quando ocorreu”, como alerta Lowenthal (1998:340).

O IMAGINÁRIO E A FOLHA EM BRANCO

Já me questionei muitas vezes, se Loureiro Fernandes foi um

perfeccionista e visionário na arena da política cultural, ou apenas uma eficiente ferramenta a serviço desta política, especialmente para a concretização dos projetos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a então DPHAN, capitaneada por Rodrigo Mello Franco de Andrade. Se Loureiro foi de fato, um professor malasártico, ou um dos traficantes do excêntrico e mais ainda, um missioneiro da Campanha Nacional de Defesa do Folclore.² Ou ainda, será que as minúcias de detalhes e explicações, com que expunha seu modo de ver e construir o mundo científico, de desempenhar suas funções públicas e acadêmicas, além de significar uma medida cautelosa no escorregadio mundo da política (especialmente a política cultural) já apontavam para a sua conscientização, enquanto ator social e do seu papel histórico? Ou mesmo, todas estas facetas juntas?

Embora Loureiro tivesse contribuído para que, um grande número de seus alunos ou discípulos tivesse se transformado em expoentes nas suas áreas de atuação fazendo uso dos seus conhecimentos pessoais, principalmente na Europa, não se pode desconsiderar a atualização do seu discurso, mesmo sob as grossas camadas oxidadas que o tempo vêm acumulando na complexa e arcaica prática administrativa acadêmica e do próprio serviço público, como uma vez já me referi.

A folha de papel em branco, que tanto desafia os pesquisadores no momento de socializar seus trabalhos, foi a mais fiel, silenciosa e significativa cúmplice da sua capacidade de trabalho, voltada para o enriquecimento e a inserção do Paraná no cenário cultural e científico nacional e internacional. Nelas, Loureiro Fernandes expressava, com seu estilo redacional, as suas idéias e projetos. Com elegância, persuasão e esmerada composição lógica ao expor o seu universo perceptivo, Loureiro conferia conteúdo e forma às suas proposições escritas.

O processo gerador das suas iniciativas, como de qualquer outro intelectual, era alavancado por duas ferramentas que constroem as interfaces entre o imaginário pessoal e o coletivo, com o campo das realizações. Uma destas ferramentas, no caso de Loureiro Fernandes, foi a sua consistente habilidade argumentativa que agregada ao suporte material (a folha de papel) a tornava visível e conferia projeção na escala do tempo sócio-histórico, propiciando uma ilimitada dialética com outros interlocutores, como também ocorreu comigo nestes últimos anos. Mas

² No artigo *Esse malasártico Professor Loureiro Fernandes* assinado por Valfrido Pilotto e publicado em *O Jornal* (1957); enquanto um dos "traficantes do excêntrico", em Correa (1987) e, "missioneiro" em *Projeto e missão* de Rodolfo Vilhena (1997).

o toque pessoal e de distinção do seu processo gerador de trabalho, está situado em uma estratégia metodológica pouco considerada e usual em nosso meio. Refiro-me ao cuidado e a preocupação em resguardar a visibilidade do debate das idéias, especialmente as suas, transformando-as em um legado fundamental para a construção da história do pensamento católico e científico que alicerçou a produção do conhecimento no Paraná e em nosso país, durante os anos 20 a 60 do séc. XX.

Quando se considera a seletividade política e ideológica da preservação da memória histórica, se depara com mais uma arte ou ação tática deste articulador da política cultural paranaense, ou seja, ao duplicar todos os seus papéis oficiais e, ao dispersar os registros da sua obra Loureiro Fernandes reafirmava as suas convicções, reconhecia a precocidade de algumas proposições e, anunciava reconhecer os limites do contexto cultural ainda em formação, o que confere ao seu discurso uma impressionante atualidade, como será visto adiante.

Recorrendo a Bomfim (2003),

há uma inelutável associação entre atopia e utopia, uma vez que ambas encerram a idéia de lugar ou contexto sócio, político, econômico e cultural que se almeja, que se determina como meta a alcançar, mesmo que se saiba que tal meta sempre se afastará um pouco mais à frente, o que justamente caracteriza o caminhar titubante da humanidade, seja no caminho da Verdade, como queria Hegel, ou do Caos, em uma visão mais pessimista, como a de Adorno.

Nesta direção, ousaria dizer que, Loureiro fazia uso da palavra escrita utopicamente, ou seja, criando ou realçando as tendências reais e concretas do seu fazer científico, ele descortinava e apontava para as tendências latentes nas áreas do conhecimento em que atuou e as efetivava, mesmo que precocemente, negociações fossem necessárias e realizadas. Esta foi uma das marcas desse intelectual atemporal.

OS CONTATOS INICIAIS COM AS FONTES DOCUMENTAIS

Quando cheguei na UFPR, em 1984, José Loureiro Fernandes significava, para mim, apenas o nome do fundador do Departamento de Antropologia (DEAN) e do então Museu de Arqueologia e Artes Populares (MAAP) ou, o Museu de Paranaguá, como na ocasião ele

era conhecido dentro e fora da Universidade.

A presença do acervo etnográfico na ala norte do espaço acadêmico do sexto andar do prédio D. Pedro I, era o testemunho das atividades de pesquisas por ele realizadas no passado como também, a sala acusticamente preparada para as atividades de musicologia e o grande mapa que ilustrava a ocupação humana em diferentes regiões no mundo, pintado em um enorme painel de vidro.

As narrativas dos seus ex-alunos, então professores do departamento, tinham um tom de admiração, de respeito e, com esta aura, davam forma aos episódios e relatos que vivenciaram nas salas de aulas ou nos corredores da antiga Faculdade de Filosofia ou mesmo no Museu Paranaense e no MAAP, espaços acadêmicos, científicos e de memória, nos quais Loureiro desenvolveu, coordenou e incentivou projetos nas ciências humanas e naturais formando a primeira geração da massa crítica paranaense nestas áreas do conhecimento.

Em maio de 1989 fui designada para presidir a Comissão Multidisciplinar que teve como finalidade apresentar uma proposta de reestruturação para o MAAP, enquanto museu universitário.³

O Projeto de Reestruturação (1989/1998), dentro dos limites administrativos e técnicos impostos pela realidade acadêmica da UFPR, entre outras atividades, atuou sobre o acervo etnográfico relacionado com a cultura material indígena e a cultura popular; sobre as peças cerâmicas, ósseas, líticas e malacológicas pré-históricas; sobre a documentação sonora e visual como também, realizou trabalhos técnicos e sistemáticos no acervo bibliográfico.⁴

Foi graças ao trabalho preliminar, realizado no acervo bibliográfico (1985), que as fontes primárias dispersas nas estantes da biblioteca foram aparecendo, em meio aos demais títulos e periódicos publicados. Tais documentos, constituídos de agendas com anotações e cadernetas de campo, sobre as pesquisas realizadas por Joseph e Annette Empereire no Paraná; de correspondências administrativas e pessoais, assinadas ou recebidas por Loureiro Fernandes, relacionadas

³ Designação por força da Portaria n° 3041, de 2 de maio de 1989. Os demais componentes da Comissão foram: prof. Igor Chmyz e profa. Zulmara Clara S. Posse, ambos do Departamento de Antropologia; a profa. Mariza Budant Schaaf, do Departamento de História e o prof. Ivens Fontoura do Departamento de Artes. Já a Portaria n° 56 de 27 de abril de 1990 me designou para a Direção do Museu e deste cargo fui exonerada, a pedido, pela Portaria n° 066 de 20 de maio de 1998.

⁴ Os relatórios técnicos sobre as atividades programadas e as desenvolvidas neste Projeto de Reestruturação foram depositados na biblioteca do próprio Museu. Além disso, uma cópia foi entregue ao DEAN e outra à Biblioteca do Setor de Humanas.

com a concepção, a implantação e a instalação do então Museu de Arqueologia e Artes Populares sob as estritas orientações do escritório central da então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), na pessoa de Rodrigo Mello Franco de Andrade; dos registros diários sobre o cotidiano de trabalho dos que ali desempenharam funções, e de dois cadernos com anotações de pesquisas de Marília Duarte Nunes localizados, posteriormente, em 1994.

Portanto, me deparei com um considerável e variado volume de documentos que demonstrava ser de grande interesse para o conhecimento da memória histórica sobre a cultura local, bem como, para analisar o papel social deste Museu que também refletia a política cultural nacional praticada nos anos 50 e 60 do século passado. De igual modo, esta leitura prévia e superficial me apontou para outras duas realidades. Uma delas demonstrava que este conjunto de fontes não passava de uma parte dos registros das memórias escritas e fotográficas deixadas por Loureiro, uma vez que seus conteúdos remetiam às demais Instituições por onde ele havia atuado ativamente. A outra realidade, mais pessoal, é que me vi pressionada a estudar a História do Paraná, mais detalhadamente, para que pudesse me situar entre os interlocutores e signatários, as correntes políticas e ideológicas que balizavam ou constituíam o poder na Terra das Araucárias.

Sem dúvida que as articulações internas refletiam as lutas e as ambigüidades da construção de um Paraná que ainda buscava a consolidação da sua emancipação enquanto a 5ª Comarca de São Paulo. No cenário e na arena de forças, o Estado, os intelectuais católicos (nos púlpitos das igrejas) e os anticlericais (nas colunas dos jornais e periódicos) representavam o tripé estrutural no qual, a sociedade, a política e a economia paranaense se sustentavam no início do séc. XX. Indiscutivelmente, a criação do Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB) foi fundamental para que a hegemonia política e ideológica católica fosse vitoriosa, concretizando o debate ideológico que desde o final do séc. XIX, gerava e alimentava os discursos inflamados das oligarquias locais.

Loureiro Fernandes, enquanto membro fundador do CEB, inaugurado em setembro de 1929, não só viabilizou o espaço físico para que a semente “bandeirante” pudesse germinar, disponibilizando o porão da sua residência, como o desenvolvimento do campo das ciências humanas em Curitiba. Tenho a impressão que para Loureiro, transitar pelas salas do Círculo representava o mesmo que estar em sua casa. O endereço, rua XV de novembro 1050, sede definitiva do Círculo de Estudos Bandeirantes, além de abrigar várias instituições culturais, quando recém criadas, foi o espaço escolhido por Loureiro

para instalar o seu local de trabalho ao se aposentar, como professor catedrático da Universidade Federal e, onde também instalou a sua sala de atendimento aos indigentes. Mais tarde ali também Loureiro depositou, pessoalmente, outra grande parte do seu arquivo pessoal.

O numeroso e diversificado universo de informações contidas em papéis avulsos, cartas, rascunhos de textos, apontamentos didáticos, cadernetas e tantos outros suportes usados pelo incansável intelectual católico para anotar suas idéias, foi por mim também consultado e analisado.⁵

Tais registros revelam não só uma versão histórica sobre a formação e a trajetória do ensino superior e dos primórdios da pesquisa científica na Área de Humanas em Curitiba como também, descortina pontos importantes dos bastidores do poder local e nacional uma vez que, enquanto ativo membro da *intelligentsia*, Loureiro deixou contribuições decisivas e outras polêmicas, para e no campo das idéias como as propostas de mudanças na política cultural e educacional que nada mais eram que práticas inovadoras, voltadas para a inserção da sociedade paranaense na modernidade.

Associando estas fontes às informações contidas nos livros das Atas das Sessões Ordinárias e das Reuniões da Congregação do CEB, fui levada ao arquivo da antiga Faculdade de Filosofia, hoje sob a guarda do Setor de Educação da UFPR. Os registros iniciais da implantação dessa área do ensino público superior no Paraná, como a documentação que consigna os Livros das Atas das Reuniões da Congregação, do Conselho de Administração e do Conselho Técnico Científico, além dos Relatórios Anuais, também apontam para o importante papel acadêmico desempenhado pelo Museu Paranaense que chegou a ter mandato universitário, oportunizando em suas instalações, as aulas práticas e laboratoriais nas áreas de Botânica, Zoologia, Arqueologia e Etnologia.

Em todas essas fontes e suas complementares, encontrei o crivo da atuação, do imaginário, da preocupação científica e da condução política e ideológica de Loureiro Fernandes, que evidencia a sua intenção de registrar. Eu diria até que praticava conscientemente, o fazer história.

⁵ As pesquisadoras Silvana Bojanoski e Blanca Rojas, sob a coordenação da profa. dra. Zulmara Clara S. Posse já haviam, em 1993, realizado um levantamento e fichamento preliminar destas fontes, projeto que recebeu apoio da Secretaria de Estado da Cultura.

A VISIBILIDADE DO DEBATE DAS IDÉIAS

A trajetória de vida deste intelectual foi marcada por ações voltadas para a valorização dos segmentos sociais desprotegidos, excluídos e anônimos. Para ele, este era o sentido do espírito e a prática democrática. Prática que oportunizaria, no seu entendimento, o desenvolvimento do Estado e do próprio país.

O Homem de Estudos, o Político e o Regime Democrático

Em diferentes documentos, Loureiro manifestou a sua descrença na política partidária, se auto definindo como um homem de estudos, o que explicaria a sua participação, como vereador eleito pelo PSD (1950/1951)?

Seu discurso e as suas proposições estavam voltados, sempre com extrema determinação, para desvendar, abrir caminhos, criar oportunidades e expansão para o conhecimento, especialmente o empírico. Enfim, Loureiro apostou e lutou para dar espaço e voz àqueles que socialmente estavam silenciados além de ter como meta maior, a dinamização do Museu Paranaense, incluindo uma sede própria, luta que o fez trilhar diferentes caminhos para alcançar.

Com tais propósitos os campos da educação, da cultura e da saúde se transformaram em seus espaços de trincheiras e embates conforme declarou no plenário da Câmara dos Vereadores, nas sessões da Faculdade de Filosofia e, como Secretário de Estado da Cultura.

[...] condicionei - descrente que sou, do espírito democrático de alguns dos componentes dos atuais partidos políticos - a minha participação partidária, no setor municipal, a um prévio entendimento epistolar, no qual ficasse perfeitamente definida, dentro do programa do Partido Social Democrático, a esfera da minha colaboração [...] nos setores da Educação, Saúde e Cultura [...] podemos também acentuar o compromisso publicamente assumido pelo Sr. Governador, no meio universitário, de construir em Curitiba o edifício do Museu Paranaense [...] um alto espírito democrático e o meu mui leal desejo de melhor servir à nossa Pátria no setor ao qual sempre lhe consagrei muitas das minhas atividades profissionais e administrativas (Ao Presidente do Diretório Municipal de Curitiba do PSD, 21/10/1947. Arq/CEB).⁶

⁶ A sigla Arq/CEB significa Arquivo do Centro de Estudos Bandeirantes.

[...] considero a permanência do Departamento de Cultura e Divulgação na Secretaria de Educação e Cultura como um anacronismo, nesta fase democrática da Nação. Mascara, sob o rótulo de Cultura, o que se tem praticado é Divulgação, enquadrada nas nocivas técnicas do antigo Departamento Estadual da Imprensa e Propaganda (D.E.I.P.) [...] devemos reconhecer que qualquer tentativa de reajustamento destes serviços, com diretrizes próprias a um regime ditatorial, trairia as iniciativas culturais de uma Secretaria de Educação [...] a obra do Departamento de Cultura deve ser de reeducação democrática das novas gerações e de incentivo às livres expansões das forças culturais do nosso Estado, dentro das diretrizes da Carta Magna Brasileira e da nossa Constituição Estadual, motivo pelo qual divergi, desde o início, da orientação que tinham os trabalhos do Departamento de Cultura e Divulgação (Ao Presidente e Desembargadores do Tribunal de Contas, em 1948. Arq/CEB).

[...] em setembro p.p. quis renunciar o meu mandato de Vereador, as ponderações de V. Excia. fizeram-me, então, retirar aquele meu pedido [...] havia acentuado que embora eleito por um partido político, sempre me comportaria como um homem de estudos e, não poderia agora votar a favor ou contra qualquer ante-projeto, de real interesse para a coletividade de cujo conteúdo estivesse em completa ignorância [...] por nem sequer trazer qualquer parecer de uma comissão, dado o caráter de urgência dado ao mesmo, [...] por essa razão deixei o recinto da Câmara, quando já recusado o pedido de vista ao referido processo, foi suspensa a sessão por quinze minutos, com o fim evidente de obter 'quorum' para a sua aprovação [...] Como simples homem de estudos, sem ambições políticas, não desejo ver repetidas idênticas situações e por outro lado não quero privar o meu Partido de um voto, [...] sempre considerei esta maneira precipitada de votar processos nos Legislativos, repleta de sérios riscos para o Regime Democrático, particularmente num país, como o nosso, onde a educação do povo continua a ser o grande problema nacional [...] é obvio que implica praticamente na minha renúncia [...] que não deixa de ter coerência com as minhas atitudes anteriores e [...] estar perfeitamente de acordo com

o meu desejo, sempre manifestado, de ser apenas um modesto estudioso da nossa Terra e da nossa Gente (Ao Presidente da Câmara dos Vereadores, 1951. Arq/CEB).

[...] Joaquim Paranhos informante, seguro depositário de toda uma tradição cultural o qual prestou mais de 20 anos, um serviço inestimável nos trabalhos de pesquisas no litoral do Paraná [...] mais uma voz que se cala no mundo das tradições [...] conhecia com notável “sabença” os usos e costumes que na sua adolescência aprendera com os velhos pais [...] ainda era daqueles rudes da costa que viveu do mar e para o mar [...] singular vislumbre de nobreza em aparente contraste com a consciência íntima que tinha de homem humilde, desamparado de conhecimentos literários e científicos (Sessão do CEB de 24/10/1957).

[...] gostaria que me informasse se havia qualquer dificuldade por ter o Diretor do MAAP, feito reclamações um pouco enérgicas, pois não sou pessoa apenas de cargo quer remunerados, quer honorários, pois se pelo meu modo de agir eu fosse um entrave ao desenvolvimento do Museu, desejava deixar a sua Direção (Correspondência de 19/06/68. Arq/MAEP).⁷

Esse simples homem de estudos, na Câmara dos Vereadores foi integrante da Comissão de Educação e Cultura, Higiene e Assistência Social e da Comissão de Finanças e Orçamento, foi relator de alguns Ante-Projetos de Lei⁸ e apresentou várias moções e memoriais. Entre as propostas levantadas para sustentar as questões de interesse da Casa, foi localizada aquela apresentada na 2ª sessão do dia 30/04/51 - sobre o Centro Universitário de Curitiba - que também teria sido enviada ao Governador e que na qual discorre sobre:

[...] os estudos realizados pelo Conselho Administrativo do Museu Paranaense e os resultados do inquérito realizado em Curitiba por ocasião do 250º aniversário da cidade

⁷ A sigla Arq/MAEP significa Arquivo do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá.

⁸ Como os: nº 110/51 (Parecer nº 37/51) - voltado para obras de saneamento e canalização de rios; nº 18/51 (Parecer nº 56/51) - sobre abertura de crédito para pagamento de dívidas da Prefeitura.

para o qual trinta professores universitários foram consultados e dos quais 2/3 opinaram pela continuidade do Centro, na situação em que se encontra [a praça Santos Andrade]...

A apresentação foi longa e detalhada e, o seu conteúdo primordial, girava em torno da distribuição urbana e espacial dos centros universitários na cidade, conforme hoje se encontram localizados o Centro Politécnico e a Escola de Agronomia e Veterinária e o não deslocamento do centro universitário da área urbana. Como nas demais proposições, sempre bem fundamentadas, Loureiro discorre sobre os resultados do inquérito e solicita respeito e consideração à postura e às asserções dos docentes afirmando na continuidade do documento:

[...] é um trabalho onde estão condensadas as opiniões de diferentes representantes do nosso pensamento universitário, e que me parece deve merecer um certo estudo e atenção, antes que os poderes públicos digam a última palavra (Na sessão da Câmara dos Vereadores de 30/04/51. Arq/CEB).

O Professor Catedrático e a Expansão do Conhecimento

Mais que um professor catedrático, Loureiro Fernandes atuava como um mestre na arte de transmitir e expandir o conhecimento. Seu entendimento sobre o ensino e a educação estava situado além dos espaços tradicionais da academia. Portanto, os meios e os demais espaços eram criados com raro entusiasmo e, estruturados oficialmente, alicerçando a difusão dos estudos nas várias áreas de análise e apropriação do objeto científico. Da mesma maneira que deu lugar e valor ao conhecimento caboclo. Nesta direção, abriu campos de trabalhos e novos caminhos de observação e pesquisas, mesmo sabendo que enfrentaria os maiores obstáculos que se localizavam, na base burocrática institucional, nos interesses da política cultural e na lenta e desestimulada percepção da universalidade do conhecimento, de muito dos seus pares.

[...] somos dos que pensam que 'a pesquisa e o ensino não são antagônicos' e o verdadeiro ensino não é só aula magistral mas o contato direto com o aluno [...] e também irá preencher suas altas finalidades incentivando a formação de jovens investigadores, para assegurar a melhoria

progressiva do equipamento técnico-científico e congregar recursos financeiros proporcionando cada vez mais, a pesquisa científica no Paraná (Na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, 1953. Arq/CEB).

[...] a primeira sessão preparatória de fundação do núcleo, filiado a associação de São Paulo foi em maio de 1941 nas salas do Museu [Paranaense] [...] os temas propostos foram: Aspectos Antropogeográficos da pesca na Praia de Leste, Fitogeografia do Litoral Paranaense, Vias de Comunicação, Colonização da Baixada Marítima, Sistema Fluvial dos Municípios do Litoral, a Serra do Mar e os seus Contrafortes Marítimos, a Ilha do Mel, Zoogeografia do Litoral, Estudos Aero-Geográficos da Região da Marinha e a cidade de Paranaguá (Relatório Anual de 1942. Arq/CEB).

[...] o fito das Faculdades não é apenas a rotina do ministrar aulas senão primordialmente a criação de escois, pesquisadores em todos os departamentos dos conhecimentos humanos [...] e a Universidade não terá cumprido satisfatoriamente a sua missão se assim não proceder (Sessão da antiga Faculdade de Filosofia, 1947. Arq/SED).

[...] iniciativa louvável que exprime alto sentimento de humanidade e gratidão aos anônimos cujos corpos, na morte, tanto se prestaram a mestres e discípulos nos estudos e indagações de ordem científica e didática [...] no campo da medicina (Parecer em Sessão da Câmara dos Vereadores nº 533/51. Arq/CEB).

[...] fiz boas observações e estudos nos museus de Etnologia e Institutos de Antropologia [...] em Portugal, Inglaterra, Viena, Suíça e Paris. Espero complementá-las na próxima semana, na Alemanha e Dinamarca. Na Inglaterra, na Suíça e em Paris visitei museus universitários, franqueados ao público que são modelares. Tínhamos razão quando insistíamos nesse ponto, pois do contrário a Universidade perde uma parte da expressão que deve ter no seio da coletividade onde funciona [...] esta viagem trouxe um grande conforto intelectual, pois confirmou o acerto de muitas das diretrizes que havia traçado para alguns dos nossos problemas no setor da Educação. É

pena que a visão provinciana de muitos dos nossos administradores, não tenha sofrido o influxo do exemplo de coletividades mais avançadas, poupando assim as gerações futuras do ônus de erros perfeitamente evitáveis (A Homero de Barros, em 1952. Arq/CEB).

[...] mas a trama da vida médica e a superada estrutura do nosso ensino superior, conspiraram para que, por mais um lustro, esse aspirado e tranquilo ambiente de estudo [a cátedra de urologia], não se criasse (no discurso proferido durante as comemorações dos 30 anos de exercício médico, em 1957. Arq/CEB).

Como Reitor está bem ao par das dificuldades que tivemos para que o Colégio de Paranaguá, que pela não ocupação, começava a entrar em estado ruinoso [...] duplamente injusto quando ao lhe explicar as dificuldades que tenho por não possuir um funcionário administrativo, perguntou-me se não sou capaz sózinho de administrar em milhão de cruzeiros, o que numa época de inflação, como a que passa o Brasil, tem sabor de piada. Se apelar um pouco para sua memória deve reconhecer que no início do primeiro decênio de sua gestão, dirigi a Faculdade de Filosofia e o Instituto de Pesquisas, cargos que nesta época não contava com bons ordenados de magistério e ótimas gratificações e as deficiências enormes do funcionalismo [...] nessa época minhas condições de saúde permitiam-me suprir a deficiência dos outros o que hoje não é mais possível, se quiser tentar chegar a bom termo com os meus primitivos planos culturais (Correspondência de 15/01/60 para o Reitor. Arq/MAEP).

[...] na resposta a minha carta o Sr. Ministro não soube honrar a sua palavra. Nada mais me compete fazer senão acautelar-me e não mais confiar nas afirmativas verbais de quem quer que seja: não importa seja Governador, Arcebispo, Ministro, Reitor, Diretor ou simples Professor Universitário (A Rodrigo Mello Franco, em 1965. Arq/MAEP).

[...] sabíamos da intolerância de idéias que iríamos defrontar com o Reitor, por isso aceitamos a tarefa com a esperança de que, fundado o Museu, no Próprio Federal que

lhe tinha sido cedido pelo convênio, a sua orientação fosse mais compreensível [...] fundado e inaugurado o Museu, não tomou a Reitoria, consciência da real existência que uma instituição museológica surgira na sua estrutura (Em Relatório do MAAP, 1973).

O Zêlo e a Preocupação para com a Preservação do Patrimônio

Para Loureiro o passado, manifestado nas ações e interferências do Homem, bem como na cultura material e na tradição oral, representava a raiz, a base, a consistência, o legítimo legado e memória de um povo, fosse nas evidências pré-históricas ou nas lições de sabedoria popular, como nas de Joaquim Paranhos (citação acima), fossem nos bens arquitetônicos ou mesmo no contato com o meio ambiente.

[...] há muito, os diretores do Museu Paranaense tiveram, igualmente, oportunidade de verificar a nociva influência dessas expedições na região litorânea, as quais ao revolverem sambaquis sacrificaram esqueletos e desviaram material lítico para coleções de curiosos [...] há alguns anos, em 1940, na excursão que o Museu Paranaense realizou ao Município de Guaraqueçaba tivemos o dissabor de comprovar a destruição dos túmulos da Pedra Branca realizada por esses improvisados investigadores (Ao Presidente do Conselho de Expedições Científicas e Artísticas do Brasil, 1946. Arq/CEB).

[...] louvo-lhe o zelo por construção tão venerável do nosso passado e quero felicitá-lo pelo conteúdo humano, que trouxe para a história da secular capela de Tamanduá [...] registrando valiosas informações colhidas por tradição oral entre antigos moradores da região. [...] de nada vale só o estudo das mesmas, pois vários estudos estão sendo feitos sobre outras primitivas construções e praticamente nada até agora pode ser realizado e nada poderá ser realizado sem as necessárias verbas e um serviço devidamente organizado. [...] assistimos durante anos passados, a destruição da Igreja do Rosário - a única construção religiosa colonial em Curitiba - e a Casa dos Capitães Mores de Paranaguá, tão cheia de tradições para o Paraná e para a história social daquela cidade litorânea [...] (Ao deputado

Atilio Barbosa, 1950. Arq/CEB).

[...] reafirmo uma necessidade urbana em face do desenvolvimento da Capital [...] uma cidade onde começam a surgir os primeiros aranha-céus [...] não se compreende uma cidade com aranha-céus, sem parques urbanos, onde a população possa descançar a vista num pouco de vegetação, numa mancha de vegetação [...] houve uma tentativa de estudo de arborização de Curitiba, quando um dos presidentes desta Câmara assumiu a Prefeitura [...] que visava justamente substituir as essências exóticas, pelas essências nativas, uma como todo estudo, dorme no sono da inocência [...] dentro de pouco teremos dificuldades tremendas para mostrar às gerações futuras quais os primitivos revestimentos florísticos dos campos de Curitiba [...] em uma conferência, Dr. Alceu Amoroso Lima - o Tristão de Atayde - parainfando uma das turmas da nossa Universidade [...] e como vinha preocupado com os pinheiros do Paraná, queria conhecê-los mas encontrou uma dificuldade tremenda para poder admirar os pinheiros. De maneira que no seu próprio discurso de paraninfo, ele se referiu ao pinheiro como um dos mitos da idade moderna [...] (Sessão da Câmara dos Vereadores, em 17/08/1951. Arq/CEB).

[...] pessoas que como eu e o signatário do referido projeto não podem ignorar que aquela área do balneário com as variantes de ritmo das marés oferece excepcionais mutações paisagísticas que não ocorrem em nenhum outro balneário. Nas grandes preamares é realmente uma ilha batida pelas impetuosidades das ondas, isolada em meio das águas atlânticas, nas grandes baixamares é uma pequena e encantadora península ligada por um istmo rochoso arenoso à prainha do morro [...] já percorri a pé, toda orla atlântica do nosso estado e dos raros afloramentos rochosos que valorizam as nossas praias arenosas, nenhum conjunto paisagístico oferece tanto valor turístico como esse promontório de Caiobá com a sua pequena ilha conhecida por ilha do Farol [...] sou de parecer que não só se deve recusar, sistematicamente, qualquer apoio do Conselho de Turismo, à construção naquela área como também se deve, urgentemente, interferir junto ao Conselho

do Patrimônio Natural do Paraná no sentido de ser considerado patrimônio nacional o mais belo recanto paisagístico de nossa costa atlântica [...] face ao exposto, o Conselho Estadual de Turismo deve negar a aprovação do referido projeto (Como ex-membro do Conselho Estadual de Patrimônio Natural, dez/1964. Arq/CEB).

[...] Paranaguá é um ponto turístico e o nosso folclore precisa ser bem representado [...] com esta mania de festival de etnia abafam os nossos verdadeiros folguedos populares e está em tempo de deixá-los convenientemente registrados em nosso Museu [em Paranaguá] [...] tentei várias vezes entendimento com o nosso Governador, tudo inútil, embora seja o mesmo lapeano, o homem é das etnias, das moças bonitas mais do que dos pobres incógnitos da Lapa [...] quando fez a campanha, na minha presença, afirmou que ampararia a nossa Congada [...] (A Renato de Almeida em 1965. Arq/MAEP).

O Profissional e o seu Lastro Familiar e Luso

A importância da influência portuguesa na formação da brasilidade está presente no seu discurso, no incentivo e na criação e instalação de quatro centros de estudos portugueses, além do direcionamento nas pesquisas folclóricas e sobre a cultura popular, como relatou a Renato de Almeida (citação acima). Para Loureiro a mais forte influência européia foi a lusa, que permanecia atuando no meio cultural nacional.⁹

[...] recebi duas cartas daí e uma de Gabriella. Que povo vadio para escrever [...] pois em Paris são questões de estudos e diversões as que me entretêm (minhas diversões consistem em visitar museus e ir ao cinema) (Aos pais, em ago/1928. Arq/CEB).

[...] um estudo sobre o nosso litoral focalizando a região balneária de Caiobá e Matinhos [...] esteve ela [a região] completamente isolada dos meios civilizados [...] aspectos da praia de leste [...] o prof. Loureiro esclarece certos pontos da

⁹ A cultura francesa, para ele, daria o refinamento a esta sociedade em formação.

grande influência ibérica em nosso folclore [...] e que talvez levado pelo atavismo [...] continuaria seus estudos folclóricos para provar que embora exista a influência ibérica sempre haverá uma pequena parte da influência nacional [a indígena] [...] (Ata da Sessão Ordinária nº 513 do CEB, 1947).

[...] será difícil separar a atuação [médica] das qualidades individuais, para o êxito do sentido humanitário da sua tarefa. Tarefa para muitos árdua - por isso mesmo mais meritória - foi para mim suavizada por todo um lastro do passado. Patrimônio moral e material, [...] que recebi desde a infância, enriquecido pelo carinho generoso de meus pais [...] Há valores mais afastados, recebidos dos Fernandes Loureiro e dos Ascensão Fernandes, forjados numa leal e honesta tradição de trabalho e de humana caridade, todos eles formados à sombra daquele cristianismo luso, tão humano e tão lírico, ao qual devo, por certo, a melhor possibilidade da sintonização conseguida entre a vida diária da prática médica e o antigo ideal de Hipócrates [...] esteio que me veio do passado, consolidou-se nas afeições de amigos, de parentes, de colegas e clientes, rejuvenesceu-se nos momentos de glória e de alegria, retemperou-se nas horas amargas do infortúnio. Horas, hoje distantes, mas que na história das vidas humanas foram sempre a pedra de toque dos grandes e leais sentimentos (Discurso proferido nas comemorações dos 30 anos de exercício da medicina, 1957. Arq/CEB).

[...] o de promoverem a minha integração simbólica à comunidade curitibana, [...] (bom paranaense), que sempre timbrei em ser, por profundas raízes de família à terra curitibana [...] por formação, julguei-me sempre um cidadão curitibano como se fosse essa uma decorrência natural da minha cidadania, com a contingência da naturalidade lisboeta, [...] no lar onde nasci e vivi o nosso apreço a outras famílias que, [...] contribuíram, lealmente, para constituir a base luso brasileira da nossa população, seguro substrato da unidade nacional, cadinho assimilador das várias etnias posteriormente carreadas em sucessivas levadas imigratórias [...] velha gente essa que [...] no recesso dos seus lares colaboraram para consolidar o cerne da brasilidade, através da formação nacional das futuras

gerações paranaenses [...] não esqueci as narrativas que, na meninice, ouvi de meu pai, comentando os percalços de suas viagens pelo interior do Paraná, galgando as serras agrestes, descendo vales, vadeando rios, dormindo ao relento no leito improvisado com os arreios das alimárias [...] haveriam de estimular o meu espírito de aventuras a conhecer outras terras e outras populações, narrativas de temas tão apaixonantes [...] que, seguramente despertaram em mim os primeiros sentimentos para as minhas buscas e estudos pelo território paranaense [...] agrada-me recordar a feição paterna, percorrendo os sertões interiores à frente de tropas cargueiras, numa obra de pioneirismo civilizador, levando por ásperos caminhos, aos remotos povoados do interior, através das trocas comerciais, o fruto das indústrias humanas de outras paragens. Foram aqueles, fortes estímulos ao nosso regionalismo incipiente [...] nesse ambiente de interesse por tudo que apresentasse cunho nacional [...] (Discurso proferido ao receber o Título de Cidadão Honorário de Curitiba, 1959. Arq/CEB).

O “Meu tipo”, a Natureza e as Amizades

Se todos nós temos algo de médico, de louco e de poeta ou filósofo, com Loureiro Fernandes não foi diferente. Embora manifestando uma profunda racionalidade em suas ações e argumentações, para as quais tinha filosofias próprias (como mantras sagrados), apesar de muitas vezes, parecerem deslocadas ou mesmo esdrúxulas para alguns, Loureiro pouco demonstrou o seu lado humano, sensível e até mesmo poético ou futurista. Quem sabe fosse uma auto defesa.

[...] ele [o pai] tem medo que as francesas me guinchem por cá? Para sossego pessoal, o meu tipo não serve para D. Juan. Um tipo atarracado e rotundo, pouco ousado, um tanto pacato não pode interessar à psicologia feminina [...] apreciemos um pouco as andaluzas [...] devo-lhes dizer que foi para mim uma decepção, julgava pela poesia, com que sempre se cerca as mulheres de Andaluzia, que aí fosse um paraíso de mulheres belas [...] qual o que, prefiro nesse gênero o nosso Rio de Janeiro [...] (Aos pais, em ago/1928. Arq/CEB).

[...] no sentido de serem tomadas as providências urgentes de modo a serem melhor protegidos os animais que se encontram expostos ao público no parque zoológico existente no Passeio Público desta Capital [...] denúncias como estão sendo tratados os animais, que se encontram em recintos fechados [...] tem acarretado sérias lesões somáticas e até a morte dos animais acorrentados [...] é lamentável que animais sejam maltratados pelos jovens que por ali passam gazeando aulas ou nas horas de folga, se comprazendo em maltratar pobres animais já vítimas do cativo humano (Na Sessão da Câmara dos Vereadores de 14/09/51. Arq/CEB).

[...] médicos como eu, que durante 30 anos pudemos viver intensamente a vida, [...] o mundo das compensações que nos proporcionam grandes amizades em todas as etapas da existência [...] (a amizade é o prazer de todas as estações da vida) [...] é prazer real, pois só a amizade entende o sentimento oculto das diversíssimas mutações da natureza humana na sucessão imutável das suas estações (Discurso proferido ao receber o Título de Cidadão Honorário de Curitiba, 1959. Arq/CEB).

O Homem e os seus Valores

“provérbio espanhol - faz muito mais aquele que quer, do que aquele que pode” (Em uma das suas cadernetas. Arq/MAEP).

[...] olhando para o caminho percorrido, pensando amargamente no tempo perdido, tempo cujo valor sempre sobreestimei, pois sei que o minuto perdido não volta mais e que ninguém sabe do tempo que ainda pode dispor; a filosofia do tempo consiste para aqueles que compreendem o seu valor, uma absorvente preocupação (Carta pessoal, s/d. Arq/CEB).

[...] o homem começou com uma história de livre pensamento, conquistas científicas, abismos, etc [...] e ‘estragou a escrita’ [...] No séc. XX todo o mundo sabe que o sol é um astro [...] e depois contentam-se com uma interrogação e terminam laconicamente ‘sou positivista, só acredito no que vejo na ciência’. [...] é, ‘o pessoal’ não dá o grande

valor ao sol que ele merece [...] triste consciência humana! Na alucinação das suas conquistas a inteligência do homem esquece que é um átomo e que na sua pequenez, jamais poderá absorver, na sua grandiosidade, as leis eternas e imutáveis da natureza [...] na alma ingênua de uma criança que nos domingos costuma casar a sua sincera alegria com a alegria do sol, beijando os campos, deve existir este sentimento (de gênio bom e protetor que é o sol) [...] isto não é futurismo! (Aos pais, em ago/1928. Arq/CEB).

“Futurismo” ou não, o fato é que Loureiro estava, comprovadamente, adiante do seu tempo. Poucos alcançaram o seu ritmo de trabalho e muitos não atingiam, de imediato, a essência refinada da sua ácida e crítica retórica (atitude percebida na demora da resposta ao documento). A marca por ele deixada, na política cultural local e nacional, foi tão forte quanto a caligrafia com que expressava o seu imaginário ou por ele advogava. Mas, como esta visão de mundo era percebida e/ou reconhecida, por seus pares, contemporâneos ou interlocutores, quando concretizada? Estes depoimentos escritos, também resguardados em seu arquivo pessoal são reveladores e, sem dúvida, será tema a ser discutido, oportunamente.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica. 1993.

APPADURAI, A. **Modernity at Large Cultural**: Dimensiones of Globalization. Pub Woris, 1. Mineapolis: University of Minnesota Press. 1997.

BOMFIM, Gustavo. O Silêncio das Palavras in: **Anais do 2º Simpósio do Lars**. PUC/RJ. (mimeo). 2003.

CORREA, Mariza. Traficantes do Excêntrico 1939-1969: três momentos (mimeo). 1987.

GLOUBERMAN, D. **El Poder de la Imaginación**. Barcelona: Ed. Urano. 1999.

MENESES, Ulpiano T. B. A Crise da Memória, História e Documentos: reflexões para um tempo de transformações. In: Lopes da Silva, Z. (org) **Arquivos, Patrimônio e Memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP: FAPESP. 1999.

LOWENTHAL, David. **El Pasado es un País Extraño**. Madrid: Ed. Akal. 1998.

VILHENA L. R. **Projeto e Missão**: movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas. 1997.

